



**DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LÚCIA ALEXANDRE FERREIRA

**ESTUDO ANALÍTICO DOS SÍMBOLOS EM A *LETRA*
ESCARLATE, DE NATHANIEL HAWTHORNE**

GUARABIRA-PB
AGOSTO DE 2013

LÚCIA ALEXANDRE FERREIRA

**ESTUDO ANALÍTICO DOS SÍMBOLOS EM A LETRA
ESCARLATE, DE NATHANIEL HAWTHORNE**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras,
da Universidade Estadual da Paraíba, Campus
III, em cumprimento aos requisitos para
obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA-PB
AGOSTO DE 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F383e Ferreira, Lúcia Alexandre

Estudo analítico dos símbolos em A Letra Escarlate, de Nathaniel Hawthorne / Lúcia Alexandre Ferreira. – Guarabira: UEPB, 2013.

26 f.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^ª. Ma. Monaliza Rios Silva.

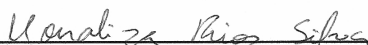
1. Linguagem Simbólica 2. Nathaniel Hawthorne 3.
Literatura Inglesa. I. Título.

22.ed. CDD 823

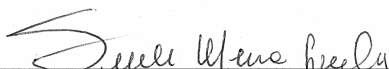
FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo "Estudo Analítico dos Símbolos em *A Letra Escarlata*, de Nathaniel Hawthorne", da autora **Lúcia Alexandre Ferreira**, foi apresentado no dia 27 /08/2013, obtendo a nota: 10,0 (DEZ).

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Ms. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB – Orientadora)



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB – 1ª Examinadora)



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB – 2º Examinador)

GUARABIRA – PB
AGOSTO DE 2013

RESUMO

Este artigo consiste numa breve análise dos principais símbolos presentes no romance *A Letra Escarlata* (1850), do escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864). Temos como abordagem principal a investigação da linguagem simbólica presente no principal símbolo da obra, a letra 'A' que a personagem principal carrega durante todo o romance. Logo após, passaremos para a análise nos nomes dos personagens principais do romance. Nosso trabalho está baseado, principalmente, nos estudos da Psicanálise em Jung (1980); e do ponto de vista da Simbologia, em Fontana (2010) e Mircea Eliade (1992). Partindo da importância que a simbologia exerce na literatura para a análise dos símbolos dentro do romance, encontramos os efeitos de sentido que cada símbolo exerce na obra, como um todo.

Palavras-chave: Linguagem Simbólica. Nathaniel Hawthorne. *A Letra Escarlata*.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma investigação dos símbolos presentes no romance *A Letra Escarlata* (1850¹), do escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864). Nossa proposta focaliza numa análise dos elementos simbólicos que influenciam na construção do enredo criado por Hawthorne.

O romance nos permite uma análise centrada nos símbolos que *A Letra Escarlata* nos traduz uma história carregada de elementos simbólicos. O autor faz uso da ambiguidade em todo desenrolar da narrativa. Com personagens característicos de uma história de ficção que aborda tema de traição, vingança, dor e sofrimento, do início ao fim. Hester Prynne é uma mulher forte que soube mostrar sua coragem e sobreviver às provações que lhe foram atribuídas, sem denunciar seu companheiro do pecado.

Neste artigo discutiremos sobre a importância dos símbolos para a literatura de forma geral, como os símbolos afetam nossas vidas e a importância que os mesmos têm dentro da nossa sociedade, o valor atribuído a essa ciência em nosso meio. E depois iremos dar ênfase à vida de Hawthorne, como também a sua importância no Romantismo norte-americano e a influência deste no cenário de inovação que se vivia à época do Romantismo. Hawthorne foi considerado um dos principais representantes deste estilo e fez parte, também, do Transcendentalismo.

Ao longo do trabalho, passaremos para a análise dos principais símbolos dentro do romance *A Letra Escarlata*, explorando cada um, separadamente, com base em alguns estudiosos. E, por fim, daremos vazão às marcas simbólicas no discurso dos personagens, haja vista a carga simbólica da obra.

¹ Para esta análise, utilizaremos uma edição de 2011, da referida obra.

2. OS SÍMBOLOS NA LITERATURA

A linguagem dos símbolos foi a primeira forma de comunicação pelos seres humanos, como se observa no período paleolítico. Esses sinais, tanto escritos como falados, representava a forma de comunicação daquele povo. O termo símbolo teve origem na Grécia Antiga e significa atar, unir, ligar ou designar um elemento representativo que está no lugar de algo que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia, com determinada quantidade ou qualidade, possuindo, uma relação transcendental. Portanto, o símbolo está intimamente ligado às mais diversas representações de linguagem e, dentro da Literatura, o símbolo exerce um valor ilimitado, pois está intimamente ligado à comunicação dos povos desde os períodos mais remotos até os dias atuais.

David Fontana (2010) nos traz um resumo do sistema simbólico e revela uma compreensão de mensagens profundas transmitidas pelos símbolos:

Os símbolos são expressões profundas da natureza humana e ocorre em todas as culturas e em todos os tempos. Desde sua primeira aparição nas cavernas do paleolítico, eles têm acompanhado o desenvolvimento da civilização e, se considerados em seu devido contexto, ainda se comunicam de maneira poderosa com nosso intelecto, emoções e espírito (FONTANA, 2010, p.9).

Vivemos num mundo inesgotável de símbolos e sinais que de alguma forma representa acontecimentos de tempos antigos ou até mesmo dos tempos atuais. Esses símbolos possibilitam o estudo mais aprofundado de fatos que pareçam sem explicação racional como, por exemplo, o mundo do sobrenatural, onde muitos acreditam que existe algo além do que a nossa imaginação nos permite enxergar.

Existem várias formas de representar os símbolos e a Literatura abre caminhos para várias possibilidades, pois ela estimula outra expressão de linguagem através dos mitos, das lendas, das estórias de monstros, das fadas, dos duendes etc. Portanto, quando analisamos um mito ou um conto, devemos entender que essas estórias sobrevivem há muito tempo e se constituem em

herança de civilizações que perduram até os dias atuais. Os mitos podem retratar diferentes situações da vida; as relações entre pessoas; entre indivíduo e sociedade; entre sociedade e a natureza etc.

No mito é possível identificar a realidade social, a cultura, a economia e a forma de vida de um povo. Contudo, o ser humano teve sua origem e seu desenvolvimento sempre ligado às crenças, com isso desenvolveram-se, ao longo do tempo, várias manifestações dessas crenças através do simbolismo que buscava representar aquilo em que se acreditava, bem como ter participação nesses ritos como uma forma de ligação entre o homem e o sobrenatural.

Ao longo do tempo, essas crenças foram se multiplicando e formaram-se várias religiões, vieram novas teorias se misturando com o que já existia e, assim, surgiram ideias que divergiam entre si e os símbolos tiveram que acompanhar o desenvolvimento e as transformações culturais dentro das religiões. No entanto, hoje em dia podemos observar uma ligação bem mais intensa entre as crenças, cada vez mais vemos pessoas com religiões diferentes, outras não seguem religião nenhuma, apenas fazem o acham correto sem seguir nenhuma doutrina. Assim, os símbolos vêm se misturando e se transformando, marcando mais uma etapa na evolução da sociedade.

O Simbolismo surge da observação da natureza e é por isso que muitos símbolos têm semelhança mesmo sendo de culturas e povos diferentes, como por exemplo, a cruz que é o principal símbolo da igreja católica. Antes, a cruz era considerada pagã, não sendo aceita por várias religiões. Mais tarde se tornou um símbolo de fé para os católicos e igrejas ortodoxas; e o símbolo da ressurreição de Cristo para os protestantes. Podemos observar que, embora sejam religiões diferentes, a cruz recebe significados distintos, transmitindo o mesmo princípio.

Para a Psicanálise, os símbolos representam mais que algo criado pela imaginação humana. Antes, os símbolos são utilizados como uma tentativa de estudar mais a fundo os mistérios da alma e alguns objetos presentes no nosso meio e na natureza. O homem moderno vive cercado de questionamentos ligados às emoções e às agitações da vida, com isso quer saber respostas

para tudo, assim surgem as Ciências que estudam os mistérios relacionados à nossa existência, e aos sonhos.

A comunicação humana depende amplamente de sinais na forma de comunicação de palavras escritas e faladas, imagens ou gestos. São símbolos que representam o consciente mundo da realidade com objetos, ações e conceitos que nos cercam como representam, também, o inconsciente através dos sonhos. De acordo com Carl Jung, os símbolos são gerados a partir do inconsciente como expressão espontânea de algum profundo poder interior do qual estamos a par, mas não conseguimos expressar com palavras.

São muitas as teorias sobre os significados dos símbolos, mas o mais atual é a de Carl Jung que faz uma análise do papel que os símbolos representam desde os tempos mais remotos até os nossos dias. Ele acredita que a psique humana é a soma da atividade mental do consciente com o inconsciente e o indivíduo é psicologicamente saudável quando está em união com os dois ciclos mentais e, dessa forma, ele adquire um equilíbrio dinâmico. Embora a maior parte das pessoas se defronte com os mais profundos símbolos em sonhos, eles também são vistos em pinturas e desejos espontâneos de crianças ou pacientes da psicoterapia.

No pensamento esotérico, toda forma, ideia ou pensamento simboliza algo que foi concebido num plano de inteligência superior. Por esse motivo, o símbolo é uma linguagem básica de conhecimento, representando uma verdade de ordem moral, mental ou espiritual. Além de conter em si muitos ensinamentos, são utilizados como forma de amuletos, onde atribuem poderes de defesa e proteção. O símbolo tem a capacidade de sintetizar o pensamento humano.

O símbolo tem precisamente essa propriedade excepcional de sintetizar, numa expressão de sintetizar, numa expressão sensível, todas as influências do inconsciente e da consciência, bem como das focas instintivas e espirituais, em conflito ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem (CHEVALIER, 2001, p. 14).

Os símbolos geralmente se modificam com o passar do tempo, conforme uma cultura expande sua longevidade, sempre há uma tendência a preservar os costumes das gerações passadas. Embora muitos símbolos, simplesmente, sejam abandonados pela elite cultural como aconteceu com grande parte do simbolismo religioso e com o místico do ocidente cientificista.

De acordo com Jung, a raça humana sempre utilizou símbolos para expressar seu conhecimento. Sabemos que atualmente esses símbolos são mais bem aceitos que antigamente. Cada descoberta nos revela a importância do imaginário em nossa vida atual, o símbolo está enraizado nas representações da linguagem e nos permite uma ligação entre o símbolo e a interpretação, dando consistência ao sentido do símbolo.

Dadas todas essas premissas, o nosso estudo se refere à dimensão simbólica presente na Literatura como o lugar de transmissão de uma cultura e, por isso, ela se immortaliza e não perde valor. Portanto, a função de simbolizar é relacionar os aspectos do subconsciente, os processos da mente com elementos presente em nossa cultura.

3. NATHANIEL HAWTHORNE: UM SÍMBOLO ROMÂNTICO

O Romantismo foi um movimento cultural que surgiu primeiro na Europa e depois nos Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XVIII. Essa corrente filosófica defendia três pilares: o individualismo, o subjetivismo e a intensidade contra a ordem e a riqueza intelectual clássica. Os artistas românticos davam importância à imaginação, à originalidade e à expressão individual.

A literatura norte-americana teve seu início com a transmissão oral de mitos, lendas, contos e letras (sempre de canções) das culturas indígenas. A contribuição da cultura indígena para a literatura dos Estados Unidos é maior do que se pensa. Mas, foi através do Romantismo que a natureza e as paisagens dos Estados Unidos começaram a ter realmente destaque, pois

aquelas narrativas dos primeiros românticos eram sempre cheias de detalhes paisagísticos, que simbolizava a natureza.

O autor norte-americano Nathaniel Hawthorne está inserido no período de mudanças para os Estados Unidos, na época em que acontecia o Romantismo, movimento literário representado pela primeira geração literária importante dos EUA. Os conhecidos escritores de ficção que buscavam uma forma diferente de expressão, segundo Hawthorne, os romances não eram histórias de amor que sempre terminam com final feliz, mas uma forma sofisticada emocional e simbólica da narrativa de ficção.

O Romantismo norte-americano marca um período da história dos Estados Unidos, de mudanças ligadas às estruturas sociopolíticas e culturais. Tais transformações aconteceram por conta do processo de emancipação em relação à Inglaterra, sendo a primeira nação do mundo a conquistar a independência. Como consequência de tal processo, o país passou por uma transformação de paradigmas em que questões diziam respeito à identidade norte-americana. Tal situação ficou ainda mais latente na época da expansão territorial em que a peculiaridade americana era essencial à unificação.

Nesse sentido, a literatura foi responsável por efetivar tal identidade, principalmente no movimento transcendentalista. Essa corrente era intimamente ligada à constituição de uma imagem coletiva e contribuiu para o projeto de nação, na tentativa de quebrar quaisquer tradições culturais e literárias inglesas. Segundo Vanspanckeren,

[...] ao invés de tomar emprestados modelos literários, os americanos tendem a inventar novas técnicas criativas. Na América, não basta ser uma unidade social tradicional e definível, pois o tradicional é deixado para trás; a força nova é o centro das atenções (1994, p.38).

O movimento romântico do qual Hawthorne fez parte, teve início nos Estados Unidos por volta de 1820. “Os românticos destacavam a importância da arte da auto expressão para o indivíduo e para a sociedade” (Vanspanckeren, 1994, p. 38). Esse período vai de 1820 a 1860, tendo como seus principais representantes Walt Whitman, Nathaniel Hawthorne, Edgar Allan

Poe, Emily Dickinson e os transcendentalistas que representam a primeira geração literária surgida nos EUA. O transcendentalismo foi uma filosofia liberal que privilegiou a natureza em lugar da estrutura religiosa formal, a percepção individual em lugar do dogma e o instinto humano, em lugar da convenção social. Os românticos transcendentalistas americanos levaram o individualismo radical ao extremo.

A visão romântica expressar-se na forma que Hawthorne denominou de romance, em outras palavras, um tipo elevado, emocional e simbólico da ficção. O espírito romântico daquela época parecia apropriado para a democracia norte-americana, pois se enfatizava o individualismo, além de afirmar o valor da pessoa comum e procurar, na imaginação, seus valores épicos e estéticos.

Para o escritor romântico norte-americano, nada era dado. As convenções literárias e sociais, longe de serem úteis, eram perigosas. Literalmente, a forma de expressão dos escritores norte-americanos tinha uma forma própria, geralmente os protagonistas sofriam de algum distúrbio, como em "Moby Dick", de Herman Melville, em que o Capitão Ahab morre tentando matar a baleia e leva junto consigo toda uma tripulação, e em *A Letra Escarlata*, de N. Hawthorne, em que o Reverendo Arthur Dimmesdale sofre atormentado, durante todo o enredo e no final morre como sendo um castigo por seu pecado.

A geração romântica dos Estados Unidos enfrentou uma história de conflito e revolução. Os EUA eram, em parte, uma fronteira indefinida, em constante movimento, habitada por imigrantes que falavam várias línguas e cujo estilo de vida era estranho e rude. Naquela época, reforça-se a crença do puritanismo, uma nova forma de vida, cujos líderes, conforme o próprio nome sugere, queriam tornar puras as convicções e as práticas religiosas. Os puritanos pretendiam se tornar purificadores, ou seja, tinham a intenção de banir os pecados e castigar os corruptos. Nathaniel Hawthorne, em suas obras, escreve muito a respeito dessa época, principalmente em *A Letra Escarlata*, trazendo à tona as questões de pecado, culpa e condenação.

Nathaniel Hawthorne nasceu em Salem, Massachusetts/EUA, em 04 de julho de 1804. Nascido em família puritana, Hawthorne procura, ao longo de sua narrativa, desenvolver traços que de alguma forma identifiquem a sua crítica em relação ao regime em que fora inserido desde a nascença.

Em 1825, depois de se formar em Bowdoin College, em Brunswick, no estado do Maine, volta à sua cidade natal, onde escreveu grande parte de suas histórias sobre o período colonial americano, muitas das quais estão reunidas na coletânea “Contos Duas Vezes Contados” (1837). Nas notas de Thomas E. Connolly, publicada pela Penguin Books, lê-se na edição brasileira de *A Letra Escarlata*, publicada pela Companhia das Letras:

[...] essa velha Salem, meu local de nascimento, embora tenha vivido muito tempo longe, tanto na infância como na idade adulta, exerce, ou exercia, certa atração sobre minhas afeições, força da qual nunca me dei conta nas temporadas em que ali mantive residência (HAWTHORNE, 2011, p.17).

Mas seu primeiro romance, “Fanshawe²” foi publicado anonimamente em 1828. Neste romance, Hawthorne trata da tentativa de sedução de Ellen Langdon e do seu resgate por Fanshawe, um estudioso rígido e formal. Ela se oferece em casamento, mas o rapaz não aceita em razão da incompatibilidade e morre depois. Esse romance teria sido escrito durante a temporada do autor no Bowdoin College. Em 1832, Hawthorne publica “Meu Parente, Major Molineux”, estória trata do tratamento atribuído a um menino do campo durante as demonstrações contra o governo Britânico. De 1839 a 1840, trabalhou na alfândega de Boston, depois passou vários meses na comunidade de Brook onde conheceu Sophia e casou-se.

Em 1834, Hawthorne publica “Mr. Higginbotham’s Catastrophe”. Essa estória é sobre uma trama de assassinato baseada num caso real. Apesar do assunto que trata, é uma das estórias mais leves e cômicas de Hawthorne. Em 1835, este mesmo autor publica “The Ambitious Guest”, a estória alegórica as confissões dos habitantes de uma casa de campo isolada nas montanhas. No mesmo período, ele publica “O Jovem Goodman Brown”, uma alegoria

² Essas obras estão com o título em inglês, devido ao fato de não haver tradução para a língua portuguesa.

psicológica que se tornaria uma de suas estórias mais aclamadas pela crítica. Goodman Brown é um jovem puritano de Salem, Massachusetts. O personagem abandona sua esposa e descobre um Sabbath de bruxas na floresta, onde encontra todos os líderes de sua religião.

Hawthorne escreve sobre temas variados em sua literatura, mas prevalecem as suas origens e as questões de pecado e de moralidade. Este autor romântico norte-americano teve sua literatura contaminada pelo puritanismo protestante (modo de ser e viver sob o prisma da fé religiosa, não apenas fuga dos desejos sexuais). Hawthorne fez de sua literatura uma ponte para expurgar a herança religiosa recebida de seus ancestrais. Em palavras do autor, na mesma edição brasileira de 2011, citada anteriormente, lê-se:

[...] embora me sinta invariavelmente muito feliz em outro sítio, há dentro em mim um sentimento pela velha Salem, que, à falta de mais adequada expressão, devo contentar-me em denominar afeto. Este sentimento deriva muito provavelmente das fundas e velhas raízes que minha família lançou naquele solo. Vai para dois séculos e um quartel que o mais antigo emigrante bretão, que usava meu nome, apareceu na colônia inculta e ladeada de florestas que mais tarde se converteu em cidade (HAWTHORNE, 2011, pp. 14-5).

Um de seus antepassados havia sido caçador das feiticeiras, das bruxas de Salem. Paradoxalmente, Hawthorne comenta a sua herança com o puritanismo. A biografia deste autor é uma leitura rica, pois ele foi um homem admirável em todos os sentidos, considerado o primeiro escritor dos Estados Unidos e maior contista de seu país. Além disso, foi o responsável por tornar o puritanismo norte-americano um dos temas centrais da tradição gótica, o que enriquece de simbolismo suas obras.

Contudo, Hawthorne não era nenhum admirador do dogma puritano. Usou o movimento simplesmente para ilustrar a crítica de todos os momentos de que a sociedade convencionava seus ideais e torna cruel. Hawthorne escreveu entre 1842 e 1845 a maioria das estórias de “Musgos de um Velho Solar”, publicada em 1846. Sua carreira como romancista começou e *A Letra Escarlata* (1850) transformou-se num clássico da literatura norte-americana.

Em *A Letra Escarlata*, Hawthorne escreve sobre fatos proibidos em um tempo em que todo e qualquer desejo sexual era reprimido e condenado pela sociedade. Este autor de Massachusetts viveu em uma época em que qualquer tipo de pecado era repudiado. O romance *A Letra Escarlata* retrata um cenário do início da Nova Inglaterra puritana onde aborda a paixão proibida entre um jovem sensível e religioso o Reverendo Arthur Dimmesdale e Hester Prynne, uma jovem senhora bonita e atraente. A narrativa se passa em Boston, por volta de 1650, no início da colonização puritana. O romance destaca os seguintes temas: a obsessão calvinista por moralidade, a repressão sexual, a culpa, a confissão e a salvação espiritual.

Num curto espaço de tempo, seguiram-se as seguintes obras: “A Casa das Sete Torres” (1851), e “The Blithedale” (1852) e “O Fauno de Mármore” (1860). Depois disso, este produtivo autor é acometido por uma crise de fé em sua literatura. Em cada passagem de sua vida Hawthorne transforma em estórias, algumas publicadas, outras não. Porém, todas têm seus méritos, como podemos destacar, de acordo com a abordagem temática de cada conto³:

a- Contos de Mistério:

“My Kinsman, Major Molineux”; “The Haunted Quack”; “Mr. Higginbottom’s Catastrophe”; “The Prophetic Pictures”.

b- Na Estrada:

“Passages from a Relinquished Work”; “The Seven Vagabonds”; “The Great Carbuncle”.

c- Fantasmas:

“An Old Woman’s Tale”; “Graves and Goblins”; “The Ghost of Dr. Harris”.

d- Solidão e Isolamento:

“Young Goodman Brown”; “The Minister’s Black Veil”; “The Wedding Knell”; “Ethan Brand”.

³ Os contos a seguir estão com títulos em inglês por escolha própria de manter o título original.

e- Homens vs. Mulheres:

“Sylph Ethredge”; “The Birthmark”; “Mrs. Bullfrog”; “Rappacini’s Daughter”.

f- Esboços:

“Sights from a Steeple”; “Little Annie’s Ramble”; “Night Sketches”; “Footprints on the Sea-Shore”; “Chippings from a Chisel”.

g- A Desintegração Vindoura:

“Earth’s Holocaust”; “The Canterbury Pilgrims”; “The Old Apple Dealer”.

h- Fantasias Abstratas:

“A Visit with the Clerk of Weather”; “The Sister Years”; “A Virtuoso’s Collection”; “The Intelligence Office”; “A Select Party”; “P.S. Correspondence”.

i- Artes e Máquinas:

“The Artist of the Beautiful”; “Thomas Green Fessenden”.

j- Horror e Fantasia:

“The Hollow of the Three Hills”; “Dr. Heidegger’s Experiment”; “Egotism”; “The Celestial Railroad”; “A New Adam and Eve”; “The Snow Image”.

k- Histórias:

“A Bell’s Biography”; “Endicott and the Red Cross”; “Legends of the Province House”; “The Gentle Boy”.

Embora Hawthorne tenha escrito todas essas obras, ele ficou conhecido mesmo pela grandiosidade do romance *A Letra Escarlata*, publicado em 1850; aclamado, desde o lançamento, como um clássico. O livro narra a trajetória de Hester Prynne, uma mulher marginalizada pela rígida comunidade puritana de Boston do século XVII, após cometer adultério e dar à luz a uma criança ilegítima. Ela é obrigada a levar para sempre a letra A, de adúltera, bordada em

vermelho, à altura do peito. A primeira autêntica heroína da literatura norte-americana se vale de sua convicção para criar a filha Pearl sozinha, lidar com a volta do marido, além de proteger o segredo acerca da identidade de seu amante. Vide o que Hawthorne nos informa:

Os fundadores de uma nova colônia, seja qual for a utopia sobre a virtude e a felicidade humana que tenham projetado de partida, invariavelmente aceitam, como uma de suas primeiras necessidades práticas, escolher um pedaço de terra virgem para servir de cemitério e uma segunda porção de terreno para construir uma prisão (HAWTHORNE, 2011, p.61).

É nesse cenário que Hawthorne constrói o enredo de *A Letra Escarlate*. O autor trata, em uma mesma obra, de amores proibidos, questões religiosas e conflitos sociais, em um clima de tensão constante. Em passagens repletas de lirismo e elementos simbólicos, o livro questiona o papel ocupado pela mulher em uma sociedade norteada por valores morais extremamente rígidos.

Hawthorne muitas vezes se apresenta como um homem atormentado por seu puritanismo, ou melhor, por ter recebido de herança de seus ancestrais. Ele foi um puritano atormentado consigo mesmo e por isso fez da literatura, sua arte crítica para retratar a realidade que observava, analisava e ajudava a construir, e às vezes para fugir. O autor fez de sua literatura um caminho particular e de fuga do que ele chamava de maus traços puritanos presentes em seus antepassados.

Mas o sentimento preserva de toda a forma, sua qualidade moral. A figura daquele primeiro ancestral, investida pela tradição familiar de sóbria e indistinta nobreza, esteve presente em minha imaginação infantil desde os primeiros tempos até onde a memória alcança (HAWTHORNE, 2011, p.18).

No entanto, Hawthorne se utiliza dessa herança para enriquecer suas obras, ele exerceu um dos papéis mais importantes dentro do movimento romântico norte-americano. Com problemas de saúde, morreu, em 1864, o grande romancista norte-americano Nathaniel Hawthorne.

4. ANÁLISE DOS SÍMBOLOS EM *A LETRA ESCARLATE*

a- A letra "A"

A letra "A" no romance *A Letra Escarlata* aparece em vários momentos dentro do romance. Em primeiro momento apresenta-se como o ato imoral de adultério, a vergonha, passando a fazer parte da identidade de Hester. A letra "A" simboliza o início, o começo de todo o sofrimento da protagonista, a humilhação em público e sua exclusão do meio da sociedade conservadora.

No peitoral da túnica em tecido vermelho fino e adornada por um elaborado bordado e fantásticos floreios em linha dourada, trazia a letra A. O emblema fora bordado com tal arte, e tamanha exuberância e beleza decorativas, que ela usava; roupas que por sua vez, exibiam esplendor conforme ao gosto da época, mas muito além do que permitiriam as normas da colônia no que dizia respeito à ostentação e ao luxo (HAWTHORNE, 2011, p.67).

Após Hester ser condenada a usar o emblema de adúltera durante toda a sua vida, os habitantes da Nova Inglaterra puritana passam a enxergá-la com outros olhos, com a visão de uma mulher impura, pecadora, a mulher que cometeu adultério.

Mas o detalhe que atraía todos os olhares e, como era de esperar, transfigura sua portadora — a ponto de homens e mulheres para quem Hester Prynne fora até ali uma presença familiar agora a olharem como se pela primeira vez — era aquela letra escarlata, tão magnificamente bordada em seu peito. Funcionava como feitiço, apartando-a das relações humanas ordinárias para encapsulá-la numa espera própria (HAWTHORNE, 2011, p. 68).

A letra "A" representa ainda a primeira letra do alfabeto, dentro do romance refere-se à primeira letra do amante de Hester, Arthur. Na Bíblia, a letra "A", refere-se também a Deus; o Alfa, o princípio de tudo.

b- O Cemitério e o Presídio

Os fundadores de uma nova colônia, seja qual for a utopia sobre a virtude e a felicidade humana que tenham projetado de partida, invariavelmente aceitam, como uma de suas primeiras necessidades práticas, escolher um pedaço de terra virgem para servir de cemitério e uma segunda porção de terreno para construir uma prisão (HAWTHORNE, 2011, p.61).

O cemitério representa o lugar dos mortos, para onde iriam aqueles que fossem julgados e condenados por algum ato de desobediência às leis puritanas da Nova Inglaterra. No romance, o cemitério seria uma forma de banir do meio do povo os pecadores, que serviria de exemplo para que outros não cometessem o mesmo erro. Simbolizam o preto, os sentimentos obscuros da sociedade.

A prisão, por sua vez, era uma forma de punir aqueles que cometessem atos não tão graves. Servia para prender ou tirar do meio da sociedade e depois levar a júri popular os contrários às leis puritanas que, como o próprio nome ressalta, tinha a intenção de purificar. A prisão simboliza o sombrio e o melancólico; representa o velho, o lado opressor da sociedade.

Para Fontana, a sombra representa

uma energia desordenadora de um tipo diferente. Ela é a parte da natureza humana obstinada e egocêntrica, que projetada extremamente é o anseio de encontrar um bode expiatório e de acusar aqueles menos capazes de se defender (FONTANA,2010 p.22).

c- Os Nomes dos Personagens Principais

- ✓ Hester Prynne era uma mulher forte e guerreira, mas marginalizada pela sociedade da Nova Inglaterra, após cometer adultério e dar à luz uma criança ilegítima. Ela é condenada a criar a criança sozinha, proteger o segredo a respeito do seu amante, lidar com a volta do seu marido e ainda sofrer o preconceito e a discriminação da sociedade com a letra “A”, de adúltera, bordada em seu peito.

A jovem era alta, uma figura de perfeita elegância em todos os sentidos. Tinha cabelo escuro e abundante, tão lustroso que brilhava a luz do sol, e um rosto que, além de bonito pela regularidade dos traços e pela riqueza da composição, causava aquela impressão própria e sobranceiras bem marcadas e olhos negros profundos. Era bem feminina para os padrões da época (HAWTHORNE,2011, p.67).

O nome Hester tem origem hebraica e significa estrela. Hester também faz referência à rainha Ester uma jovem órfã judia, escolhida por Deus para libertar o seu povo das mãos do rei, Ester era uma moça muito bonita e cheia de sabedoria. A história bíblica conta que Ester arrisca sua vida para salvar seu povo, fato que lembra a coragem de Hester em assumir sozinho o castigo por seu pecado e não denunciar a identidade do seu amante. Hester é dotada de uma força surpreendente. Ela poderia ter ido embora daquelas terras e seguir sua vida fora das leis puritanas da colônia, mas preferiu cumprir sua sentença, dedicando a sua vida para servir aos necessitados, mostrando sua face a todos.

Hester era autoproclamada irmã da misericórdia; ou, talvez devêssemos dizer a mão pesada do mundo assim a ordenara, quando nem o mundo nem ela própria esperavam tal desenlace. A letra era o símbolo de seu chamamento. Tanta solicitude podia-se ter dela— tais eram sua vontade de realizar e seu poder de gerar empatia— que muitas pessoas se recusam a tomar aquele A escarlata por seu significado original. Diziam que significa “abençoada”, tão forte era HesterPrynne com sua disposição de mulher (HAWTHORNE, 2011,pp. 179-180).

Hester passou a simbolizar força diante daquela gente hipócrita e autoritária, conseguiu mostrar a verdadeira heroína que existia dentro dela.

- ✓ Arthur Dimmesdale: Arthur; nome de rei representa liderança, que tem poder para decidir, admirado por um povo. Segundo a lenda, o rei Arthur era um guerreiro dotado de força para vencer inimigos reais e sobrenaturais. Por outro lado, o personagem do nosso romance Arthur Dimmesdale simboliza fraqueza, fragilidade, renúncia e medo. O medo de ser descoberto por seu pecado. Dimmesdale é ministro da Igreja puritana e admirado por todos na colônia, conhecido por seus sermões emocionantes.

Era uma pessoa de aparência notável, fronte, branca, altiva e ameaçadora, olhos grandes, castanhos e melancólicos, e uma boca que, exceto quando comprimida propositalmente, tremia, expressando, ao mesmo tempo, sensibilidade nervosa e enorme autocontrole (HAWTHORNE, 2011, p. 80).

Dimmesdale, apesar de toda sabedoria que possuía, teve medo de assumir publicamente que era o pai de Pearl. Ele foi fraco, apesar da paternidade de menina ter sido mantida em sigilo. Dimmesdale sofria de muita angústia, não só remorso e covardia acompanharam também a experiência de pregar a palavra de Deus e ser admirado porfiés de todas as idades. Carregava a culpa de pregar uma coisa e praticar outra. Dimmesdale carregava em sua carne e no seu coração o sinal que Hester carregava exposto nas suas vestes.

O estado de saúde do reverendo só piorava, o sentimento de pecado tomava conta do seu ser. A doença da alma estava matando o seu corpo. Ele deseja a morte a cada dia e com ela só se encontrou no fim do romance. Sem poder desfrutar de nenhum momento de paz junto de Hester e Pearl. Sua paz só vem com a revelação do seu pecado a toda comunidade, para, em seguida, ir ao encontro do juízo divino merecido.

Dimmesdale foi um covarde, medroso e, até certo ponto, injusto com Hester, afinal ele não teve coragem de assumir seu pecado quando deveria, nem tão pouco o seu amor, deixando Hester sozinha para enfrentar toda a humilhação e o desprezo de seu povo. Portanto, ele representa o símbolo da fraqueza e da covardia.

- ✓ Pearl: nascida do pecado, seu nome significa pérola, simbolizando a inocência, a brancura. Hester lhe atribuiu esse nome não porque traduzisse o seu valor, mas pela preciosidade que a menina representava em sua vida.

Pearl concentrava em si uma variedade infinita; nela coexistiam muitas meninas, o aspecto completo que vai da beleza de um bebê camponês, flor selvagem, a pompa em miniatura de uma infanta real (HAWTHORNE, 2011, p.104).

Pearl era dotada de uma beleza espetacular, mas seu gênio era difícil pra uma criança de sua idade. Pearl representa a própria letra escarlate viva, encarnada no meio da sociedade puritana, em contraste com o vermelho da letra, significando sangue e luta.

A pérola é um emblema tanto de fecundidade quanto de pureza, virgindade e perfeição, segundo Tresidder (2003, p.269). Segundo Chevalier, a pérola representa o símbolo da iluminação e do nascimento espiritual. Portanto, a versão encarnada da vida. A pérola, a que nos reportamos, simboliza a pureza da criança e um tesouro sem valor estimado por sua mãe, o único bem de que dispõe.

A pérola é rara, pura e preciosa. Pura porque é reputada sem defeito, porque é branca, porque o fato de ser retirada de uma água lodada ou de uma concha grosseira não a altera (CHEVALIER, 2001, p. 712).

- ✓ Roger Chillingworth: Homem frio de coração, esposo de Hester Prynne que aparece quando ela está sendo julgada no cadafalso pela população da colônia. A partir desse momento, ele passa a investigar sobre a identidade de Pearl.

Era pequeno em estatura, com um rosto enrugado, o qual, ainda assim, dificilmente poderia ser classificado como o de um velho. Exibia notável inteligência nos traços, como se tivesse cultivado do lado mental a tal ponto que isso não poderia deixar de transparecer no seu aspecto físico, manifesta em sinais inconfundíveis (HAWTHORNE, 2011, p.74).

Aparentemente, ele é visto como a vítima da história. Chillingworth torna-se o vilão do romance, como o próprio narrador fala, torna-se um ser desprazível e calculista, comete um dos piores pecados até maior que o adultério, ele passa a torturar Dimmesdale até descobrir o que ele esconde em seu coração, violando seu coração e exercendo total controle sobre o jovem, o que causa sua ruína total.

De início, exibia a expressão calma e meditava como um sábio. Agora, transparecia algo de feio e mau em seu rosto, algo que não tinha sido notado antes e ia ficando cada vez mais evidente quando se olhava para ele. Segundo o comentário geral, o fogo de que se utilizava no laboratório fora trazido das profundezas e era alimentado com a chama do inferno; assim, como seria de esperar, suas feições estavam se tornando negras de fuligem. Estaria sendo tentado pelo próprio Satã, ou por um emissário dele sob disfarce do velho Roger Chillingworth. Esse agente diabólico teve permissão divina,

durante certo tempo, para escavar a intimidade do clérigo e tramar contra sua alma (HAWTHORNE, 2011, pp.143-4).

O desejo de vingança de Roger Chillingworth era tão forte que ele passou a dedicar sua vida para destruir aquele que havia sido o responsável pela ruína de seu casamento. Hawthorne, cria uma ambiguidade de sentido quando fala que Chillingworth, como médico, exerce a função de cuidar de outras pessoas, buscando a saúde física e mental do paciente. Com Chillingworth acontece o contrário: ele tenta destruir a alma de Dimmesdale com palavras de injúria, deixando seu coração atormentado.

A ira que Roger sentia a essas alturas era o único sentimento que habitava seu ser. Ele passa a mostrar sua verdadeira face, atormentado com o sentimento de vingança e ódio. Mostrando-se demoníaco, ele comete um dos sete pecados capitais: a ira.

d- A Cor Vermelha

O vermelho representa o sangue, a guerra, a paixão. Em *A Letra Escarlata*, a cor vermelha simboliza a paixão proibida entre o reverendo Dimmesdale e Hester Prynne. O vermelho faz referência ao pecado, como também a própria Pearl que é a versão do pecado, da letra escarlata viva no meio da colônia puritana. O vermelho faz referência, também, à ação, à força impulsiva, à beleza de juventude que impulsiona a paixão e o sofrimento.

A cor ativa e masculina da vida, fogo, guerra, energia, festividade, vitalidade, saúde, força e juventude. O vermelho era a cor emblemática do sol, dos deuses da guerra e do poder em geral. Em seu aspecto destrutivo, estava às vezes associado ao mal, sobretudo na mitologia egípcia, na qual era a cor de Seth e da serpente do caos, Apep. A morte era um cavaleiro vermelho na tradição celta (TESIDDER, 2003, p.357).

Portanto, o vermelho representado na letra "A", dentro do romance, simboliza o pecado do adultério cometido por Hester, como também a sua paixão pelo reverendo Athur Demmesdale, ao ponto de sacrificar-se sozinha, assumindo a culpa pelo pecado praticado pelos dois. Representa, também, a

beleza da protagonista, encarnada na sua filha, a pequena Pearl de beleza esplêndida.

Em geral, a simbologia da cor vermelha dentro de *A Letra Escarlata* nos remete a muitos significados, tais como: o sacrifício de Hester, o pecado dos três personagens principais, como também a referência ao principal elemento, a letra “A” que Hester carrega em seu peito.

e- O Pecado

Ao nos referirmos ao pecado, no romance, este elemento nos remete aos três pecadores do enredo. Primeiro, Hester Prynne que comete adultério, é julgada e condenada a usar a letra “A” de adúltera por toda a sua existência. Segundo, Arthur Dimmesdale que cometeu o pecado de transgredir os preceitos de sua religião, não foi fiel nem às leis puritanas, nem tão pouco ao amor que sentia por Hester, ele carregou a culpa durante toda a sua vida, até o final do romance, quando revelou sua culpa a todos os habitantes da Nova Inglaterra. Por último, o maior pecador da trama, Rojer Chillingworth, assim considerado por Hawthorne. Este personagem comete o pecado da ira, o ódio toma conta de seu ser fazendo com que o coração do pobre reverendo desfaleça aos poucos. Por outro lado, Chillingworth precisava de seu oponente vivo para continuar seus atos maléficos e tanto que ele também morre após a morte de Chillingworth.

Na hora marcada por Deus, uma nova verdade seria revelada, verdade destinada a estabelecer as relações entre homem e mulher sobre fundamento mais seguro de mútua felicidade. Ainda mais porque a profetisa das novas possibilidades era uma mulher adúltera, que carregava uma letra escarlata em seu peito (HAWTHORNE, 2011, p.242).

Para os princípios puritanos da época, o amor era considerado pecado. Logo, a relação entre Hester e Arthur Dimmesdale fugia às regras e à moral de época.

f- A Roseira ao Lado da Prisão

A roseira ao lado da prisão pode simbolizar a capacidade humana de sobreviver aos piores tormentos. Apesar de a roseira habitar próximo a um lugar com energias negativas, a natureza era capaz de conceder misericórdia e bondade aos que por ali passassem.

Havia uma roseira selvagem, carregada com seus delicados botões naquele mês de junho, e era possível imaginar que oferecia sua fragrância e frágil beleza ao pioneiro que dali saísse para encontrar seu destino (HAWTHORNE, 2011, p. 62).

A roseira também tem o sentido de amenizar o sofrimento dos que saíssem da prisão, como também a função de simbolizar o florescimento moral que será revelado ao longo do enredo. Ou, ainda, para deixar mais suave o sombrio desfecho de uma história de dor e fragilidade humana. Ao longo de todo o romance, vemos rosas vermelhas, uma vez que o narrador tem sempre a intenção de deixar o lugar ameno. Em outra passagem, podemos presenciar Pearl pedindo rosas vermelhas.

Havia, porém algumas roseiras e outras tantas macieiras, provavelmente descendentes das plantadas pelo reverendo Blackstone, o mais antigo colonizador da península; personagem quase mitológico que, em nossos primeiros registros, aparece cavalgando um touro. Pearl, ao ver as roseiras, começou a berrar por uma rosa vermelha e não se deixava acalmar (HAWTHORNE, 2011, p.122).

A rosa vermelha também simboliza a paixão. Podemos afirmar que o narrador deixa-se, simplesmente, usar a rosa como uma metáfora para simbolizar a história de paixão proibida e pecadora entre Hester e Arthur.

g- A Floresta

A floresta, primeiramente, simboliza o lugar de refúgio de Hester. Quando esta é excluída do meio da sociedade, ela passa a morar em uma cabana abandonada, possivelmente, por um antigo colono. Na floresta estão

escondidos muitos mistérios. Era considerada, pelos habitantes da colônia, como um lugar de magia negra, onde as bruxas se escondiam para se encontrar com todo tipo de forças sobrenaturais ou ocultas.

Vagueava para dentro do mistério da floresta primitiva. A escuridão e a densidade da mata de ambos os lados da trilha a faziam tão estreita, revelando apenas vislumbres imperfeitos do céu; na mente de Hester aquela paisagem refletia o deserto moral em que perambulava havia tempo. O dia estava frio e sombrio. No alto, a vastidão cinzenta das nuvens, levemente agitada por uma brisa; de modo que uma centelha de sol podia brilhar aqui e ali ao longo do caminho, brincando solitária. Esses alegres volteios surgiam sempre no extremo mais distante de alguma extensa paisagem de floresta (HAWYHORNE, 2011, p.204).

Era o lugar onde o Reverendo Arthur Dimmesdale podia conversar com Hester sem temer ser visto por algum de seus fiéis, pois a floresta representava um lugar até certo ponto perigoso para um praticante da doutrina do Puritanismo. Ela era vista como um lugar de tentações onde as forças do mal a habitavam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, acompanhamos a discussão dos principais símbolos presentes na obra *A Letra Escarlate*. O autor traz inquietações com relação aos principais personagens do romance. Dotado de elementos simbólicos, Nathaniel Hawthorne faz da herança puritana um cenário para uma estória que aborda fielmente as questões puritanas: o pecado contrapondo-se aos preceitos da igreja. Ele faz uma alegoria com personagens ambíguos.

Através de personagens bem característicos, Hawthorne retrata o cenário da América puritana. Subestimando os valores da época, ele põe em foco a questão do pecado ligado a um membro da igreja, que todos acreditavam ser um homem digno acima de qualquer suspeita. A obra *A Letra Escarlate* expõe os limites de personagens atormentados por frustrações, pela culpa do pecado e pelo desejo de vingança, a ponto de sufocar todas as forças

de um coração cheio de remorso e sem forças para suportar sua fraqueza de espírito. Por outro lado, Hester, a grande heroína da trama, vence seus medos se tornando uma mulher independente, o que ela não conseguiria ser se estivesse ligada às tradições da colônia puritana.

6. REFERÊNCIAS

CHEVALLIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva. 21 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Ed. Arcardia, 1952.

FONTANA, David. **A Linguagem dos Símbolos**: um compêndio visual para os símbolos e seus significados. Trad. Camila Zanon. São Paulo: Madras, 2010.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A Letra Escarlate**. Trad. Christian Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1980.

Os Símbolos em Hawthorne. Disponível em:
<<http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com.br/2010/01/letra-escarlate-nathaniel-hawthorne.html>> Acesso em 21/jul/2013, às 20h11min.

TRESIDDER, Jack. **O Grande Livro dos Símbolos**. Trad. Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro: Ed. Luminuras, 2003.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. Trad. Márcia Biato. Ed. Revisada. Washington D.C.: Departamento de Estado dos Estados Unidos da America, 1994.